

A FORMAÇÃO E A HISTÓRIA FRATURADA: UMA DUPLA APROXIMAÇÃO

ETTORE FINAZZI-AGRÒ

Università di Roma “la Sapienza”

ROBERTO VECCHI

Università di Bologna

Resumo

Leitura combinada e dialógica do conceito de Formação de acordo com duas linhas críticas: a **semântica da ideia de Formação** a partir de uma desmontagem das suas matrizes constitutivas no contraponto com a genealogia, a Formação como armação de um sistema não-fechado capaz de captar o movimento genealógico de aquele conjunto de eventos que chamamos de Literatura Brasileira.

Abstract

Combined and dialogic essay on the concept of Formation, built in accordance with two critical lines: the semantics of the idea of Formation from a disassembly of its constituent matrices in the counterpoint with the concept of genealogy, the Formation as a device of an open system capable of capturing the genealogical movement of that set of events that we call Brazilian literature.

Palavras-chave

Formação;
Genealogia;
Teorias da
História
Literária

Keywords

Formation;
Genealogy;
Theories on
Literary History

1. Antonio Candido: o saber como relação

Uma cifra que julgamos caracterizar a obra de Antonio Candido e que talvez vá além até do seu inestimável legado crítico é que a pesquisa mais sofisticada sobre a literatura sempre se combina com a prática anônima da “sala de aula”, como em inúmeros casos ele nos mostrou. Ou seja, os cumes da contundência interpretativa, da originalidade metodológica, da lucidez histórica, se extenuariam em um exercício no fundo autorreflexivo e estéril, se não encontrassem na humildade explicativa, na afabilidade das relações com os mais novos, na paixão pela transmissão do saber, o seu terreno político de atuação e diálogo: um saber que surge então como relação.

É também em virtude dessa imagem que guardamos de Antonio Candido, da sua mestria não como instância retórica mas como prática efetiva que acaba por modificar também a função crítica que a antecede, que resolvemos construir a presente contribuição crítica, a partir de uma experiência didática que nos associou. Em 2001, de fato, como professores visitantes no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp), ministramos um curso monográfico na Pós-Graduação de Teoria e História Literária, que tinha como objeto uma reflexão abrangente sobre os problemas de historiografia da literatura a partir de novas conceitualizações que abarcassem categorias críticas como genealogia e residualidade. O nosso projeto se baseava essencialmente no uso da monumental *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido como dispositivo crítico extraordinariamente eficaz para repensar a história da literatura brasileira a partir da sua singular e fértil proximidade com o conceito de genealogia elaborado no começo da década de 70 por Michel Foucault. A ocasião, promovida pela Profa. Maria Betânia Amoroso, se revelou excelente e foi a matriz

de muitos outros projetos de pesquisa que a partir daquele momento desenvolvemos em conjunto, como por exemplo a pesquisa sobre as relações entre trágico moderno e literatura e cultura brasileiras.

Daquela experiência seminal construída em conjunto sobram questões, problemas, interrogações que por um lado se orientaram para a formulação de alguns ensaios críticos, por outro proporcionaram o material construtivo para a formulação de dois textos que aqui pensamos reunir de forma combinada, embora completamente autônoma, como registro de um diálogo inexaurível com a *Formação* de Antonio Candido. No primeiro texto que funciona preliminarmente, Roberto Vecchi procura definir no contraponto genealógico uma semântica própria e “plural” da ideia de *Formação* a partir de uma desmontagem das suas matrizes constitutivas. No segundo texto, Ettore Finazzi-Agrò analisa em chave paradigmática como a armação de um sistema não-fechado, como uma história da literatura, mas aberto e historicamente poroso como a *Formação* representa o modo mais adequado para captar o movimento de continuidades e rupturas, de inclusões e exclusões – genealógico, portanto – sobre o qual se acumula aquele conjunto de eventos que chamamos de literatura brasileira. Baseadas em uma bibliografia substancialmente comum pela circunstância que as originaram, as duas reflexões se desdobram acompanhando rumos próprios, às vezes expondo aproximações, outras vezes singularidades. Valem como tentativa de articular, de certo modo, um “saber em relação”, da sala de aula para o ensaio e vice-versa e, sobretudo, neste contexto, como tributo à magistral lição que Antonio Candido desse duplo papel inseparável de pesquisador e professor continua incansavelmente nos dando.

2. Genealogia/Geologia: as semânticas da *Formação*

É redundância ou insuficiência definitória considerar a literatura brasileira – a cultura também, em certo sentido – uma genealogia “dos vazios”?¹ Ao lado da consistência de séries históricas que implicam uma configuração do tempo tributária da crítica ao historicismo de Benjamin ou que repensa na plenitude do tempo do espaço nacional esboçado por Bakhtin, a genealogia surge aqui como um motivo denso, com funcionalidade de conceito, que remete, como é óbvio, para a revisão foucaultiana sobretudo da chave interpretativa adotada por Nietzsche na *Genealogia da moral*. Já há muito, em particular na vertente dos estudos culturais ou literários, a genealogia é aproveitada como contramotivo, ao mesmo tempo desarticulador e rearticulador, do pseudo *continuum* da historiografia literária e da institucionalização canônica onde a “*wirkliche Historie*”, a história efetiva de Nietzsche, é abordada e criticamente rediscutida.

Podem-se mencionar, a título de exemplo no âmbito brasileiro, pelo menos três casos, entre muitos outros, em que tal perspectiva é trilhada com extrema

¹ Raul Antelo. “Genealogia do Vazio”. In: *Studi Portoghesi e Brasiliani*. I, 1999, p. 57-68.

lucidez, na incorporação de uma análise inovadora como a de Foucault. Flora Süssekind, antes de tudo, a assume como entrada de *O Brasil não é longe daqui*. *O narrador, a viagem* extraindo a distinção entre origem e começo histórico para focar a obsessão pela origem que se depreende na formação da literatura brasileira ainda que o seu discurso se dirija basicamente para um “começo histórico” (na acepção foucaultiana opositiva) específico desse processo, ou seja, o surto do narrador ficcional² pondo a tônica, portanto sobre a dupla trilha que essa ideia genealógica permite percorrer. Raúl Antelo, na esteira de Flora, concentra uma leitura da significação como vazio a que Foucault alude de acordo com a lógica dispersiva, por um lado dirigindo seu olhar para as ficções do século XIX que se fundam nas ideias de identidade como território e de território como vazio na vigência dos modelos europeus, por outro na contemporaneidade com o esgotamento dos discursos críticos: a sugestiva proposta (que encontra respaldo na constelação Euclides da Cunha/Milton Hatoum, conforme Antelo)³ mostra como o uso categorial da genealogia permite captar, no traço flutuante da literatura, o discriminado, o ruído, o indizível, o vazio justamente. Mais em uma vertente continental, Idelber Avelar recolocou a chave para mapear a invenção do “identitema” América Latina tentando resgatar as heterogeneidades silenciadas pelas versões oficiais da história.⁴

Como se depreende, a genealogia, que como se sabe representa um ramo secundário da história, enquanto, etimologicamente, “discurso sobre a estirpe”⁵ é explorada na sua intensidade metafórica-conceptual. Perante a crise do *telos* da história⁶ e das filosofias da história que a modernidade induz, a história genealógica surge como “anti ciência”⁷ como antimétodo, ou melhor, como forma assistemática de destruição das falsas continuidades e do contexto da história efetiva. Mas a genealogia pertence plenamente àquele círculo de “obsessões” próprias da cultura brasileira e o que se problematiza, aqui, é que ela tenha, no contexto crítico brasileiro, uma semântica própria.

Partindo dessas premissas que se inscrevem na constelação do contemporâneo, fica patente que o conceito crucial em jogo, o que direta ou indiretamente, de maneira fantasmática ou material é questionado é o da “formação”. Antonio Candido é de fato quem aponta, em várias ocasiões, de modo exato e pertinente

² Flora Süssekind. *O Brasil não é longe daqui*. O narrador, a viagem. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pp. 15-19.

³ Raúl Antelo. “Genealogia do Vazio”. In: *Studi Portoghesi e Brasiliani*. I, 1999, p. 58.

⁴ Idelber Avelar. *The untimely present*. Postdictatorial Latin American fiction and the task of mourning, Durham and London, Duke University Press, 1999, p. 39.

⁵ Michel Foucault. “Nietzsche, la genealogia, la storia.” In: *Microfisica del potere*. Tr. it. Giovanna Procacci; Pasquino, Pasquale, Torino, Einaudi, 1977, p. 36. (ed. or. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire.” In: *Hommage à Jean Hyppolite*. Paris, PUF, 1971, p. 145-172).

⁶ Remo Bodei. *Se la storia ha un senso*. Bergamo, Moretti & Vitali, 1997, p. 55.

⁷ Jürgen Habermas (1988) *Il discorso filosofico della modernità*. Dodici lezioni. 2ª edizione. Laterza Bari, 1988, pp. 252-253. (ed. or. *Der Philosophische Diskurs der Moderne. Zwölf Vorlesungen*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1985)

para a ação de uma “tendência genealógica” nas próprias dobras do processo de formação da literatura brasileira. Mas qual é o sentido que a genealogia assume no momento em que, por uma evidente metaforização, se coagula em conceito? É oportuno notar, de fato, o deslocamento semântico que marca o sentido do termo genealogia. Cujo uso próprio vigora com um amplo repertório de exemplos no curso da própria formação em sentido nacional(ista) da literatura e é a esse sentido próprio que Antonio Candido remete quando assume o termo genealogia e quando retrata o literato comprometido no esforço de dotar o País de uma literatura como genealogista. A ânsia de ter raízes num país sem tradições, a procura obsessiva de uma origem, de um fundamento, de um começo histórico, repercutirá, pelo contrário, constantemente como uma fratura ou uma falta (que já Sílvia Romero denunciara como “falta de seriação nas idéias, a ausência de uma genética” *apud* Arantes).⁸ Gonçalves de Magalhães, por exemplo, se refere a essa preocupação com a proveniência, como fator indispensável para corresponder à demanda de origens do país: “Há mister reunir todos os títulos de sua existência para tomar o posto que justamente lhe compete na grande liga social, como o nobre recolhe todos os pergaminhos da sua genealogia, para em face do Rei fazer-se credo de uma nova graça” (“Ensaio sobre a história da literatura do Brasil” de 1836 *apud* Sússekind).⁹ Um uso semanticamente impecável da genealogia que se casa com a inclinação “morfológica” das disciplinas que fornecem as ferramentas básicas para a construção dos dispositivos nacionalistas como o interesse linguístico que se desdobra nas preocupações de ordem filológica ou etimológica desvendando – elas também – o interesse pelas origens, em uma visão marcada pela especulação linguística humboldtiana (a partir de uma metáfora organicista da língua). Em suma, a genealogia que aqui se descortina (e os genealogistas que a praticam) é a própria, sem nenhum deslize abstratizante ou figurado. Trata-se, no entanto, de usar ideologicamente o termo (transformando assim o processo genealógico em fato histórico, conforme Finazzi-Agrò, p. 15)¹⁰ para resolver o emaranhado indestrinçável da “origem” da nação “narrada” pela literatura.

A recorrência sincrônica do termo (quase homóloga, se diria, à “obsessão nacional” que no século seguinte será o conceito de formação) contribui a mostrar um elemento fundador importante da *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido que proporciona um motivo de pesquisa interessante. Sempre Flora, expõe com precisão os dois gumes, os patamares múltiplos da questão genealógica misturando Conrad, Verne e Callado e falando assim de “linhas duplas, linhas de sombra, mapas e marcos de terras inundadas e formigueiros, em vez de

⁸ Paulo Eduardo Arantes. “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo”. In: Otília Beatriz Fiori Arantes; Paulo Eduardo Arantes. *Sentido da Formação*. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 15.

⁹ Flora Sússekind. “O escritor como genealogista”. In: *América Latina*. Palavra, literatura e cultura. Ana Pizarro (Org.), Vol. II. São Paulo, Memorial, Campinas, Unicamp, 1994, p. 478.

¹⁰ Ettore Finazzi-Agrò. (1999) “Geografias da memória e literatura brasileira entre história e genealogia”. In: *Brasil/Brazil*. Porto Alegre, v. 22, n. XII, 1999, p. 9-20.

reafirmação de essências e atemporalidades”.¹¹ Mas voltando para Antonio Candido e deixando por um momento de lado a *Formação*, em dois textos famosos e temporalmente bastante próximos em que retoma questões deixadas em aberto no *opus magnum* de 59, o crítico coloca de modo exemplar os termos da assim chamada “tendência genealógica” (sempre posta entre aspas pelo próprio crítico) da literatura brasileira, depreendendo-a portanto, poder-se-ia dizer, de uma metarreflexão sobre a própria *Formação*.

No primeiro texto, “Estrutura literária e função histórica”, publicado pela primeira vez em 1961, percebe-se, entranhada na leitura de *Caramuru* de Santa Rita Durão, uma reflexão interna sobre a ideia de genealogia. Avaliando as tentativas de inventar uma tradição – a brasilidade – pela inserção do que era advertido como específico (paisagem e aborígene) os românticos articularam uma busca retrospectiva à procura dos verdadeiros predecessores: gesto esse que se insere numa tendência mais ampla “típica da nossa civilização, e que se poderia chamar tendência genealógica, tomando a expressão em sentido bem lato”.¹² A ressalva (em sentido bem lato) merece atenção porque amplifica, ainda que propositalmente não em abstrato, a área semântica do termo, encaminhando-se para a sua conceitualização. No aprofundamento do estudo de fato, em função atributivo-qualificativa, a ideia expande o seu significado: refere-se ao “processo de construção genealógica”¹³ para representar o afã romântico da “composição” de uma continuidade, de uma tradição “nova” e “respeitável”, colocando as raízes do “movimento genealógico” nos pródromos do Romantismo no plano literário e no século XVIII no que diz respeito à visão histórica. Mapeando esses precursores, Candido detecta uma “aspiração genealógica” precisando que é necessário encará-la em “sentido amplo” (ainda que a pista se entrecruze com o esforço nobiliárquico e “linhagístico” da época na procura de definir os ramos da aristocracia local). A leitura da épica de Durão é virada para mostrar as razões pelas quais o poema se prestou para o seu aproveitamento genealógico (ambiguidade estrutural e afirmação da ideologia religiosa, mitopoiese – *locus amoenus* brasileiro – e motivos heroicos que fundam uma dignidade da tradição local, mestiçagem e encontro de civilizações etc.).

No segundo trabalho, concebido em 1966, “Literatura de dois gumes”, a perspectiva genealógica é reglosada de modo ainda mais explícito como conjunto categorial, tratando da correlação entre literatura e formação nacional. Neste contexto, a ênfase recai sobre a tendência genealógica anteriormente esboçada, pondo o século XVIII como matricial de valores formadores. A aproximação da literatura da época, permite esclarecer a dimensão da “tendência genealógica”,

¹¹ Flora Süssekind. *O Brasil não é longe daqui*. O narrador, a viagem. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 15.

¹² Antonio Candido. “Estrutura literária e função histórica”. In: Antonio Candido. *Literatura e sociedade*. 7ª ed, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985a, p. 171.

¹³ *Idem*, *Ibidem*, p. 172.

sempre com a ressalva do sentido amplo, para “designar a interpretação ideologicamente dirigida do passado com o intuito de justificar a situação presente. Ela corresponde à formação da consciência das classes dominantes locais que, depois de estabilizadas, necessitavam elaborar uma ideologia que justificasse a sua preeminência na sociedade”.¹⁴ Sobre o seu funcionamento específico, a idealização do índio como emblema do nacional é adotado como exemplo justamente porque a tendência “consiste em escolher no passado local os elementos adequados a uma visão que de certo modo é nativista, mas procura aproximar-se o mais possível dos ideais e normas européias”.¹⁵ O indianismo nacionalista com seu desejo de inventar no século XIX um passado “nacional” marcado pela diferença da metrópole colonizadora e de seus valores culturais marca o apogeu dessa tendência cujos alicerces eram bem mais profundos.¹⁶ É oportuno resenhar os lugares em que Candido lança mão da genealogia já fora de um sentido próprio (se considere a similitude adotada por Gonçalves Magalhães) mas extraído do seu contexto sincrônico em chave, poderíamos dizer, de metáfora crítica que se articula a partir de uma matriz prática, de modo latamente abstrato.

Esse gesto, pode-se observar, remete para o importante questionamento das relações (tensas ainda que não hierarquizadas) entre metáfora e conceito. É evidente que surge uma diferença, e não pequena, entre o sentido da genealogia de Candido e o que um pouco mais tarde (em 1971) definirá Foucault. Seria errado cair na sugestão nominalista (pelo rótulo genealógico) e frisar as coincidências, ocultando assim as diferenças mais espessas. Mas ao mesmo tempo, como foi assinalado, talvez seja possível detectar uma “ligação involuntária” (Finazzi-Agrò, p. 13)¹⁷ entre elas, justamente a partir desse impulso metaforizante (o sentido lato que frisa) perceptível na “tendência genealógica” que a *Formação* assinala. Assim como evidente se torna a diferença entre a genealogia como prática ideológica dos românticos e a genealogia como ferramenta crítica de Antonio Candido.

A remetaforização, a reinvenção tropológica como fenômeno próprio de um processo de recuperação crítica e autocognitiva, de redescoberta do passado, marca o Modernismo (e a crítica que dele derivou) instituindo de algum modo uma relação com uma outra estação estética onde houve, não só em termos locais, uma profunda operação de remetaforização: o Romantismo. Aliás, a ideia de remetaforização com que estamos lidando de alguma forma nos remete à teoria estética romântica, revelando pontos de contatos de certas vertentes do Modernismo com o Romantismo.¹⁸ Apesar do seu interesse pelo simbólico, a estética

¹⁴ Antonio Candido. “Literatura de dois gumes”. In: Antonio Candido. *A educação pela noite & outros ensaios*. 2ª ed, São Paulo, Ática, 1989, pp. 172-173.

¹⁵ *Idem, ibidem*.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 175.

¹⁷ Ettore Finazzi-Agrò. “Geografias da memória e literatura brasileira entre história e genealogia”. In: *Brasil/Brazil*, Porto Alegre, v. 22, n. XII, 1999, p. 9-20.

¹⁸ Raul Antelo. “Histórias do Brasil”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói, I, 1991, p. 85.

romântica aponta para uma perda por parte da metáfora da forma de figura e, neste sentido, o Romantismo promoverá uma remetaforização extrema das formas artísticas negando o aspecto retórico e institucional do funcionamento da metáfora.¹⁹

O modo de leitura da *Formação* é hoje essencial para compreender inclusive as observações críticas que lhe foram dirigidas. Entre os reparos, se podem lembrar os formulados por Luiz Costa Lima, ao estudar a concepção da história literária. Em rápida resenha, o crítico sinaliza o fato de a *Formação* manter uma concepção cordial da crítica, na esteira do Sérgio Buarque, que afastava a literatura do espaço público²⁰ a propensão pelo pendor descritivo e não-analítico da história, a descomplicação da sua própria interpretação, a ideia da literatura como sistema coerente (orgânico) com extensão nacional, as fontes teóricas em que se apoia: a ideia de estrutura de Lévi-Strauss, a coerência depreendida do funcionalismo antropológico inglês (Radcliffe Brown) e inspirada em analogias com o contexto biológico.

A importância do ponto de vista ou do posicionamento crítico através do qual a *Formação* se assume é, de fato, essencial (como não escapa ao próprio Candido no prefácio da *Formação*)²¹ e muitos dos debates também recentes – às vezes polêmicos – decorrem da situação e do contexto teórico com que o intérprete da metáfora conceptual se situa. Agora, à luz dos discursos críticos que se debruçaram sobre a obra, se pode pensar que a ideia de formação (e as várias formações) tenha criado um gênero próprio na tradição crítica brasileira, um gênero carregado de uma historicidade que problematiza *ex post*, diríamos, a leitura decorrendo da inscrição das obras em outro gênero, por exemplo, a *Formação* de Candido na historiografia literária. Não é esse um deslize de campo, mas a definição de um modo específico de leitura a partir da própria pregnância do conceito de formação. O que ocorre na *Formação* é um gesto de algum modo fundador. Candido não historiciza um processo (a genealogia que se constrói à procura de uma origem que, na verdade, é uma falta) o que significaria repetir o esforço dos românticos, isto é, tornar a genealogia história. Candido, pelo contrário, sequencia o processo, ou seja, promove uma espécie de genealogia (ou geologia?) da genealogia. Aqui se define a diferença básica que decorre da especificidade da “formação” como gênero, aliás não só literário. Para compreender essa especificidade, é preciso recuperar alguns critérios que fundam a *Formação* e que se explicitam na própria contratualização que o crítico faz logo na entrada da obra. Não é um acaso que a “tendência tropológica” própria do Modernismo e da suas remetaforizações, encontre logo em uma metáfora forte, organicista, o seu ponto de fuga

¹⁹ Giuseppe Conte. *Metafora*. Milano, Feltrinelli, 1981, p. 28.

²⁰ Luiz Costa Lima. “Concepção da história literária na *Formação*”. In: *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro, Rocco, 1991, p. 154.

²¹ Antonio Candido. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 7ª ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 1981, v. I. p. 23.

(uma metáfora vegetal fundadora assim como se encontra em outra “formações” célebres como, por exemplo, das raízes em Sérgio Buarque de Holanda). Trata-se de uma árvore (genealógica?) em que se inscreve a literatura brasileira, ou seja, na famosa citação do prefácio da 1ª ed.: “A nossa literatura é um galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas [...]”.²² O tropo, no entanto, serve para introduzir o assunto a partir da condição de dependência dessa literatura da “experiência de outras letras”, isto é, o estudo das suas fases formativas. *Formação* que se conceitua – fora de metáforas — na definição da literatura como sistema de que se depreende a vontade ininterrupta de obras e autores, a vontade de fazer uma literatura nacional, que não passa da “história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura”.²³ Agora o que é interessante é compreender como Candido escapa dos modelos de história literária canônicos, teleológicos ou genéticos. Há uma articulação fundamental na *Formação* que talvez constitua o seu cerne característico e “genológico”. De acordo com o dissecamento de Roberto Schwarz e Paulo Arantes, podemos dizer que essa articulação deixa rastros em vários lugares, por exemplo, quando demarca o seu território como “síntese de tendências universalistas e particularistas”²⁴ ou como “livro de crítica, mas escrito do ponto de vista histórico”²⁵, ou quando invoca um método que seja “histórico e estético”²⁶ ou se define como “tentativa de correlacionar as partes em função de pressupostos e hipóteses, desenvolvidos com vista à coerência do todo”²⁷, sempre para ficarmos nas entradas doutrinárias da obra.

A “providência”, para ficar na terminologia de Paulo Arantes, que parece decisiva, nessa perspectiva, é a que se refere ao ato de “correlacionar” e que pode encontrar seu nome próprio em outro verbo, “configurar”. Não é só um verbo recorrente na *Formação*, mas o fato de remeter à própria figura como elemento reestruturador da dispersão das “manifestações literárias” que dá corpo ao sistema que se forma e que forma a sua forma. E a ideia de figura remete já em si para o resto, para uma (meia) verdade fragmentada e precária, que condensa em si um traço decisivo da modernidade que é o *andersdenken* – o pensamento outro – e, como explica Franco Rella, “*La figura describe la caducità, la transitorietà la precarietà del tempo della crisi [...] è il movimento stesso di ‘un altro pensiero’ [...] tiene insieme due mezze verità che sempre si manifestano nel tempo della modernità: la massima astrazione del concetto e la massima forza di ciò che è stato via definito mito, sragione, analogia, immagine. La figura, come dice Musil, abita fra questi due mondi*”.²⁸ E sempre Rella associa a figura à metáfora no sentido de Proust, a redenção dos fragmentos das imagens de um sentido individual que se solda a um destino e a

²² *Idem, ibidem*, p. 9.

²³ *Idem, ibidem*, p. 25.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 23.

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 24.

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 16.

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 19.

²⁸ Franco Rella. *Miti e figure del moderno*. Milano, Feltrinelli, 1993, p. 10.

uma história coletivos através da possibilidade de transmissão das figuras.²⁹ Isso dá conta então de conceitos chave da formação como, por exemplo, o que segue:

Mas há várias maneiras de encarar e estudar a literatura. Suponhamos que, para se configurar plenamente como sistema articulado, ela dependa da existência do triângulo “autor-obra-público”, em interação dinâmica, e de uma certa continuidade da tradição. Sendo assim, a brasileira não nasce, é claro, mas se configura no decorrer do século XVIII, encorpando o processo formativo, que vinha de antes e continuou depois.³⁰

Nesse “corte periodológico” é a dimensão do não-corte que emerge. Não é uma origem, mas uma “problemática dos inícios”, inícios “discretos” como os que Foucault e a genealogia apontam para a oposição ao mito da origem. É pelo viés particular da formação (como gênero ou figura) e da forma a que a formação remete que podemos talvez captar uma relação mais estrita entre formação e genealogia. A formação de fato se constrói a partir de uma outra metáfora “organicista”, não vegetal mas de qualquer modo sempre natural: a da geologia.³¹ Além da paronomásia muito sumária, é claro o sentido diferencial de geologia e genealogia. Assim como um outro aspecto importante que é preciso frisar é o do caráter menos visível, morfológico, da formação. A formação de fato (que, aliás, em alemão, isto é, no contexto crítico onde originariamente se define, numa das suas acepções originárias, a de *Bildung*, pode significar também cultura), se funda basicamente sobre um dualismo topológico que a torna particularmente eficaz como instrumento crítico. Ela é marcada pelo menos por duas tendências semânticas dominantes e complexamente conjugáveis entre si, uma estática, outra morfológica, onde a formação é a configuração – a forma – dos objetos por considerar, dispostos em um mesmo plano, portanto sincrônica e objetual, e outra dinâmica, onde a formação acentua seu aspecto menos evidente, ou seja, o processual, enquanto processo que dá ou toma forma por parte de um sujeito, portanto diacrônico e “subjetal” diríamos.³²

Se elegermos esse dualismo entre formação e forma, percebemos como esse, na medida em que traça diacronicamente um movimento, um processo, retalha formas sincrônicas reais das relações implicadas (que não decorrem da experiência imediata), mas desvendam um nexos interno aos movimentos e às coisas. Podemos também colocar a questão em outros termos: no plano teórico, ao configurar o movimento histórico de formação das sociedades modernas (e não de uma diretamente), seu desenvolvimento combinado e interdependente de cen-

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 11.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 16, grifo nosso.

³¹ Geologia aqui usada não no sentido abstratizante, impróprio de geografia que Candido reconhece por exemplo em Silvio Romero (Antonio Candido. *O método crítico de Silvio Romero*, São Paulo, EDUSP, 1988) pela fascínio “cientificista” dos termos, em detrimento da precisão conceptual.

³² Sergio Scamuzzi. “Formazione sociale”. In: Norberto-Matteucci Bobbio Nicola. *Dizionario della politica*. vol. II, Novara, De Agostini, 2006, p. 27.

tros e periferias extrai figuras polivalentes e significativas que, a partir de um recorte específico, como, por exemplo, a formação econômico-social do Brasil na época moderna, desvendam as leis de funcionamento real do sistema. O que talvez explique o pendor genealógico que a *Formação* de Candido aparenta, no sentido de configurar formas da formação que são ao mesmo tempo natureza e processo.

A *Formação* na verdade é um dispositivo crítico sofisticado (como Paulo Arantes explica muito bem) não só pelo seu conteúdo cognitivo, mas pelo funcionamento do sistema que configura para produzir conhecimento: a *Formação*, reconstruindo a formação e a forma da literatura da semiperiferia, se torna um instrumento crítico de grande porte para interpretar muitos outros problemas teóricos sempre no recorte da especificidade local.

A formação enquanto processo e morfologia só num plano aparente é dotada de uma homogeneidade, de uma linearidade própria (se assim fosse, a genealogia se tornaria história como para os românticos). Na verdade, a forma dominante e paradoxal da formação é a antítese da compacidade, é fragmentária, se configura por cacos, raízes, escombros, restos de processo interruptos: a modernidade como projeto incompleto encontra aqui uma sua poderosa figura. E é em Machado de Assis que a formação se pode considerar concluída pela forma que produziu, atestando a superação da dependência cultural externa: através dela se afirma “a matriz prática na qual se entroncam, se alteram e confirmam mutuamente experiência social, material estético e esforço de estruturação”³³ com uma adequada acumulação literária que não induza a considerar cada momento um marco zero da literatura nacional. Com Machado, a formação se completa porque se dá a consciência não de completude, da configuração totalizadora mas, pelo contrário, da má formação, da formação incompleta, descontínua (veja-se Sílvio Romero e, em particular, José Veríssimo) quando se adianta de algum modo aquele que será o principal pressuposto doutrinário modernista, a “brasileiridade” onde o atraso é pensado como forma de uma temporalidade própria, condição específica de estar na experiência da nacionalidade. Na dupla dimensão machadiana, comparatista e cumulativa,³⁴ portanto efetivamente tradutora, de que Candido reconstrói a arqueologia, se exhibe a forma moderna dessa inscrição que é geológica (mostrando o processo e o resultado do processo) e genealógica (mostrando o resto do que se manteve “na dispersão que lhe foi própria”, como atesta Foucault,³⁵ ao definir a genealogia com seu traço, justamente, “residual”). A sua exploração se torna assim genealogia (no sentido figurado) da genealogia (no

³³ Paulo Eduardo Arantes. “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo”. In: Otilia Beatriz Fiori Arantes e Paulo Eduardo Arantes. *Sentido da Formação*. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 31.

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 32.

³⁵ Michel Foucault. “Nietzsche, la genealogia, la storia”. In: *Microfisica del potere*. Tr. it. Giovanna Procacci e Pasquale Pasquino. Torino, Einaudi, 1977, p. 75.

sentido semipróprio) detectável na formação da cultura nacional, afastando-se das histórias literárias teleológicas ou genéticas, para ocupar um espaço próprio.

O que ela perfaz, de fato, é algo que nos parece ao mesmo tempo próximo e distinto da arqueologia-genealogia da história foucaultiana (que se constrói como arqueologia do saber e genealogia do poder),³⁶ proximidade que se atesta por outros vínculos: a história como contramemória, a crítica da Origem, o resgate do corpo e do desejo históricos etc. A *Formação* pode ser vista assim como o registro da transformação (do processo) e do que se conservou (o resto, justamente) nessa transformação de vontades, desejos, acertos e, sobretudo, desacertos cuja acumulação torna possível a Machado cultivar aquela “tradição estreita” onde a experiência histórica local se sedimentava³⁷ que, combinada com a tradição clássica, configura heterogeneamente a sua grande obra.

Registro de restos que remete também para o processo, mas que, metonimicamente, de algum modo nos fala, em seus interditos, em seus interstícios também das perdas, do que se esvaiu e não se conservou, na formação interrompida ou distorcida em que permanecem os resquícios do passado. E do resto como forma de ser e estar nessa modernidade própria, com uma consciência lúcida que, no entanto, não apaga a melancolia sutil pelo que se quebrou e não poderá, nunca mais, ser recomposto.

3. Decisão/Sistema: os paradigmas da *Formação*

Porque retomar e colocar em foco, mais de meio século depois da sua primeira edição, uma obra, aliás, tão trabalhada e discutida, como *Formação da literatura brasileira*? Porque olhar, mais uma vez, para um texto que o próprio autor tentou apresentar apenas como um esboço historiográfico, como uma “orientação geral” e não – o que ele de fato é – como um estudo, de certo modo definitivo, sobre como fazer a história da literatura num país periférico? Diante da dificuldade – ou até da impossibilidade – de se adiantar mais uma vez no coração do problema, de enfrentar de forma original as questões colocadas por esse volume, publicado há tanto tempo, acho que a única solução seria, talvez, a de se mover pelas margens do discurso de Antonio Candido, tentando esclarecer algumas inquietações de cunho teórico que as afirmações do Mestre continuam suscitando entre os seus discípulos e os seus antagonistas, entre os seus doxógrafos e os seus exegetas tardios.

Depois de ter enfrentado, embora de forma heteróclita e sumária, a questão de como o método de Candido possa ser enquadrado dentro das teorias historiográficas do séc. XX,³⁸ acho que é necessário, agora, ligar o meu discurso sobre o

³⁶ Paul Veyne. *Michel Foucault. La storia, il nihilismo, la morale, 1998*. In: Guareschi, di Massimiliano e Verona, Ombre Corte (ed.) *Foucault révolutionne l'histoire*. Paris, Seuil, 1979. p. 63.

³⁷ Roberto Schwarz. “Sobre a formação da literatura brasileira”. In: *Seqüências brasileiras*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p. 22.

³⁸ Refiro-me, aqui, ao meu ensaio “Em formação. A literatura e a configuração da origem” (Finazzi-Agrò, 2001, pp. 165-182).

paralelismo entre o conceito de “formação” e o uso genealógico da história a uma reflexão (também ela, talvez, heterodoxa e, certamente, resumida) sobre a noção de “sistema” que aparece logo no primeiro capítulo da obra de 1959.

De fato, como foi em parte notado (conforme, por exemplo, Arantes),³⁹ sublinhar a possibilidade de falar em literatura – e, conseqüentemente, na possibilidade de uma história nela embasada – só a partir da sua constituição em sistema orgânico, prevendo a existência de alguns elementos fundadores, remetendo, por sua vez, a uma estrutura fincada no tempo, coloca em jogo a questão da tradição e da sua articulação com a dialética do “novo”. Se, com efeito, podemos considerar a formação como um “processo”, como é que este movimento de aquisição/recuperação do passado e, ao mesmo tempo, de rompimento com ele, de superação constante daquilo que é (já) formado, se ajusta com a exigência de estabilidade, quase de cristalização do tempo e no tempo presumido pelo termo “sistema”? Dito de outra forma, se a formação é entendida enquanto formação de um sistema, qual seria o lugar (e o tempo) da mudança? E como estudar um objeto ou um fenômeno em constante devir se colocando do lado da estabilidade do conceito de “sistema”?

Sei que essas questões podem parecer marginais – e o são de fato, surgindo justamente às margens do discurso historiográfico, ou seja, sobretudo no início e no fim do percurso empreendido por Antonio Candido, sem todavia deixarem de ser perguntas que envolvem o estatuto teórico nuclear sobre o qual assenta a *Formação*. Como frequentemente acontece, se poderia dizer que é a partir dos limiares e se movendo sobre ou entre eles que se pode apanhar o sentido geral e, ao mesmo tempo, profundo e escondido daquilo que, no caso presente, eu chamaria de “panorama hermenêutico”. E de resto, o grande crítico parece se aperceber logo da aporia que se instala na dicotomia entre “formação” e “sistema”, acrescentando a eles a perspectiva “momentânea”: ou seja, construindo uma história que se sustenta sobre (ou balança entre) os dois pólos da transformação e da estabilidade, ele chega de imediato a entender que apenas numa fragmentação infinita da continuidade é possível recuperar uma dimensão temporal de compromisso, em que o processo de formação e a cristalização dentro de um sistema se combinam apenas em “momentos decisivos” – definição que eu leio, de fato, como opção para uma temporalidade discreta, em que cada instante (cada presente) é resumo do passado e possibilidade de futuro.

Este caráter continuamente virtual do fato literário, remetendo, por um lado, para a fatal “inaturalidade” ou “intempestividade” de cada (grande) obra de arte, não esquece, pelo outro, que toda criação/indicação de um tempo novo prevê a recuperação/manutenção do Tempo na sua totalidade. Como o esquecimento habita necessariamente dentro da memória – e um só existe em função da outra –, assim todo processo de reconstrução hipotética do passado assenta num ato de

³⁹ Paulo Eduardo Arantes, 1997, p. 165-182.

de-cisão (os momentos são, de fato, “decisivos”), isto é, etimologicamente, num “corte” que deixa fora a tradição no mesmo gesto com que a inclui no presente e a projeta para o futuro. Nesse sentido, a *Formação* é um tratado histórico (e, ao mesmo tempo, um discurso/percurso crítico, por isso mesmo “discreto” e “discricionário”) que exclui na inclusão, que excetua integrando no interior dele tudo aquilo que, aparentemente, é marginalizado ou até descartado.

Por isso, aliás, parecem-me totalmente fora do eixo ou do foco, na sua pe-remptória e magistral atribuição de sentido, as polêmicas (também recentes) sobre a inadequação ou a inadimplência da obra de Candido: porque, de fato, ele não quis fazer uma História no sentido clássico e tradicional do termo, adotando um critério – também ele fatalmente subjetivo – de ordenação con-sequencial dos eventos, a partir de uma origem suposta e hipotética para chegar a um presente duvidoso e escorregadio, mas assinalar o funcionamento peculiar do tempo brasileiro, feito de avanços e retrocessos, de polirritmias e descompassos, de anacronismos e de acelerações vertiginosas.⁴⁰ A noção de “sistema” funciona, nessa proposta problemática, apenas como indicação de uma duração dentro da fluidez e da reversibilidade do tempo histórico brasileiro. Se poderia até afirmar que Candido tenta conjugar, à maneira de Bergson, *durée* e *évolution créatrice* supondo que “*la détente et la contraction sont relatives, et relatives l’une à l’autre. [...] Il y a toujours de l’étendue dans notre durée, et toujours de la durée dans la matière*”⁴¹ – e precisando, obviamente, que a *res extensa*, sobre a qual se debruça o Eu que, fazendo história, reflete e critica, é a materialidade da prática artística, da experiência literária pensada como algo que permanece na sua constitutiva volatilidade e ulterioridade; como, enfim, algo de sólido (o texto) “desmanchando”, fatalmente, “no ar” do seu contínuo e imprevisível re-uso e consumo.

Acusar Candido de ter deixado fora da sua análise, de ter recalçado ou até sequestrado a fase Barroca, ou a “tradição afortunada”, ou ainda a herança literária portuguesa, significa, a meu ver, desentender aquilo que está em jogo na dialética “im-perfeita” balançando entre *formação-sistema-decisão*. De fato, combinando os três termos podemos chegar a compreender que aquilo que conta não é o que fica fora, mas aquilo que é “tomado fora” (no sentido etimológico da “exceção”). O Barroco, nesse sentido, assim como mais vagamente “o espírito brasileiro” e, do lado oposto, o legado da cultura portuguesa ecoam, justamente, no vazio da sua ausência, se tornando presentes nos momentos decisivos em que o processo formativo deságua em formas sistemáticas: todo o passado é ali recuperado no seu caráter virtual, suspenso, por instantes, num presente anacrônico em que memória e esquecimento se sustentam de forma mútua. Ou seja, o que não está ali é todavia ali recuperado ou antecipado, mas sempre virtualmente presente na forma enigmática do “desejo”: e a história da literatura se torna, enfim, a “histó-

⁴⁰ Alfredo Bosi (1992) “O tempo e os tempos”. In: Aduino Novaes (Org.). *Tempo e história*. São Paulo, Companhia da Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pp. 19-32.

⁴¹ Gilles Deleuze. *Le bergsonisme*. 3ª ed., Paris, PUF, 2007. pp. 89-90.

ria dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura” – o que impediu, aliás, a quem partia da ideia da existência de uma “consciência da brasilidade”, de ver que em Candido esta consciência é fruto mais de uma ilusão ou de um pacto simbólico (como aliás toda forma de nacionalismo), que de uma concreta situação mental e material.

Longe de qualquer localismo, a visão sustentada pelo grande crítico brasileiro é, por contra, aquela de um espaço atravessado por forças heterogêneas, cada uma ligando-se à outra de que é condição e pela qual é condicionada, num quadro multilinear em que os fatores sociais se juntam aos dados propriamente históricos sem chegar, porém – senão dentro e através de momentos decisivos –, a determinar um quadro coerente, em que uma determinada ordem social chegue a produzir um certo tipo de expressão artística.⁴² O processo formativo, nesse sentido, não tem nem origem nem fim, ou melhor, o início é apenas uma hipótese (a poesia arcádica, tributária, porém, do modelo europeu) e a *conclusão* (que, na verdade, se manifesta como *ex-clusão* – ou, mais uma vez, como “exceção inclusiva” da figura e da obra de Machado de Assis) não tem muito a ver com o início do processo, sendo por sua vez a origem hipotética de outra coisa ainda, de outra linha de evolução produzida por um desvio. Um tempo plural, enfim, que pretende um discurso também ele polifônico e sem limites certos, nem históricos nem de significado.

Estamos, nesse sentido, antes e longe de certo determinismo crítico que começou a circular e a se firmar poucos anos depois: ficando no âmbito da teoria e da crítica italianas, por exemplo, não enxergo pontos de contato entre a noção de sistema utilizada por Candido, e a visão da “literatura como sistema e como função” teorizada por um importante estudioso italiano de inspiração marxista e divulgada poucos anos depois da saída da obra brasileira.⁴³ Escrevendo numa época anterior à chegada da onda estruturalista e ainda marcada, em parte, pelo *New criticism*, Candido, com efeito, se furta a qualquer “funcionalismo” rígido, a qualquer esquema de pensamento vindo na literatura apenas um epifenômeno dos fatos sociais e legível, então, segundo paradigmas totalizadores, tanto assim que, mais uma vez, a ótica por ele utilizada é não a da história de eventos ideologicamente determinados e sim de um desejo comum, ou melhor, de um desejo fundando uma comunidade e sendo por ela sustentado – uma espécie de “comunidade imaginada”, para utilizar uma expressão muito em voga alguns anos atrás.

⁴² Nesse quadro de repensamento da relação, postulada pelas teorias marxistas, entre estrutura e superestrutura, seria bom lembrar a definição que ainda Gilles Deleuze deu, justamente, da primeira das duas noções: “cada estrutura apresenta estes dois aspectos: um sistema de relações diferenciais, segundo as quais os elementos simbólicos se determinam de forma recíproca; um sistema de singularidades que corresponde a essas relações e delinea o espaço da estrutura. Cada estrutura é uma multiplicidade” (Gilles Deleuze. “À quoi reconnaît-on le structuralisme?”, In: François Châtelet (Org.). *Histoire de la philosophie*. Idées, doctrines. Vol. VIII (Le XXème siècle), Paris, Hachette, 1973.). Acho que esta visão orgânica e, ao mesmo tempo, plural se ajusta bastante bem ao funcionamento da idéia de sistema dentro da obra de Candido.

⁴³ Guido Guglielmi. *La letteratura come sistema e come funzione*. Torino, Einaudi, 1967.

Como todos os desejos, também o desejo de ter uma literatura não tem nem uma origem pontual nem um desenvolvimento linear, se submetendo a uma lógica própria, desligada de qualquer determinismo histórico ou social. Não que o fator social seja ausente ou desconsiderado, assim como a forma do discurso é ainda aquela ligada a um tratamento histórico dos fatos literários, mas é como se ambas (história e sociedade) fossem determinantes para a literatura e, ao mesmo, determinadas por ela. O que, aliás, conhecendo um pouco a evolução cultural brasileira, pode ser facilmente verificado, a partir, por exemplo, da figura de José de Alencar cuja literatura é, certamente, dependente e tributária de uma ideologia burguesa e de cunho nacionalista, mas que sendo, por um lado, um “fato” dentro da história literária, cria ou inventa, pelo outro, “fatos” (personagens, situações, linguagens, metáforas...) que configuram uma história nacional. É nessa circularidade se torna impossível definir o que é produto e aquilo que produz, reabrindo continuamente o discurso propriamente historiográfico, visto que a história é, mais uma vez, espelho de uma dinâmica social colocada no tempo e fruto, por sua vez, de uma prática simbólica que cria o seu tempo, misturando, de modo arbitrário e mistificador, memória e esquecimento.

De resto, o próprio Candido irá explicar poucos anos depois da publicação da *Formação* – com palavras mais claras de que as minhas e sempre a partir de um romance de Alencar (*Senhora*) – como ele via a relação entre literatura e sociedade num dos seus ensaios mais conhecidos: “Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente”. E ele acrescentará um pouco mais adiante: “O perigo, tanto na sociologia quanto na crítica, está em que o pendor pela análise oblitere a verdade básica, isto é, que a precedência lógica e empírica pertence ao todo, embora apreendido por uma referência constante à função das partes”.⁴⁴ A coerência, enfim, pode estar ou não na obra (ou num conjunto de obras), sem a necessidade de atribuir sentido a partir de uma ótica de análise pré-determinada, tanto mais que, no exemplo considerado, se, por um lado, o Romantismo de Alencar é com certeza produto da história e da sociedade do seu tempo, ele pretende, pelo outro, inventar uma história e uma sociedade, pretende – e consegue, em boa medida – criar uma cronotopia própria, se colocando fora ou ao lado do presente; se (auto) legitimando, mais uma vez, apenas dentro e através de um contexto que eu chamaria de “optativo” e que interpreta, de forma imaginária, a ideologia (as aspirações para o futuro e os mitos de fundação) da comunidade letrada.

Voltamos assim, na minha opinião, a enfrentar as questões colocadas no começo deste texto: como é que se pode formar e firmar um sistema sociocultural (o famoso triângulo *autor-obra-público*) dentro de um processo histórico e

⁴⁴ Antonio Candido. “Crítica e sociologia” (1961). In: *Literatura e sociedade*. 6ª. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985b, pp. 3-16. Nesta coletânea de ensaios, como todos sabem, Candido colocou em foco, de forma crítica, as teorias sobre o “espelhamento” entre estrutura e superestrutura.

evolutivo que responde a uma lógica do “desejo”, desligada de qualquer verificação empírica e funcionando de forma cambaleante e inconsequente? Como se pode, finalmente, instalar a *durée*, enquanto manutenção memorial do passado, no corpo da *évolution créatrice*, enquanto projeção optativa (ou intuitiva) no futuro? Repito, mais uma vez, que a resposta a estas perguntas pode ser encontrada nas margens do livro: ou seja, na constituição do sistema literário ao longo do século XVIII e na ausência de Machado de Assis que representa, na verdade, o ponto final da formação daquele mesmo sistema. Podemos inferir, desse duplo movimento de inclusão e de exclusão, de aceitação e recusa, que na verdade aquilo que interessa a Antonio Candido não é a construção de um discurso histórico formalmente “fechado”, e sim a indicação de um sistema literário “aberto”, atravessado por linhas de força que não têm, propriamente, nem começo nem fim, mas apenas cortes e/ou pontos de sutura, mudanças improvisas de rumo e/ou permanências, sobreposições e/ou distanciamentos, inovações e/ou recapitulações, fugas para frente, enfim, e/ou suspensões epocais (ainda no significado originário da palavra *epokhé*). Desse movimento contínuo e continuamente interrompido, desse conjunto multilinear de tempos é possível fazer apenas uma cartografia provisória, continuamente reversível e revisível, mantendo todavia a capacidade de ler “em geral” esta acumulação contínua e zigzagueante de eventos.

A noção de “sistema” é funcional a essa vontade de sublinhar a descontinuidade dentro de um *continuum* discursivo, que, como já tentei explicar, retoma cada vez o passado no “momento decisivo” de uma mudança de direção daquele discurso/percurso histórico: o passado é de cada vez recapitulado no presente da decisão e projetado num futuro que, por sua vez, se dispõe a funcionar como base para uma “outra história”. Falar das Academias e da poesia arcádica como começo da formação e não falar na obra de Machado de Assis como ponto de chegada significa, nesse sentido, instituir fronteiras movediças para um processo histórico que evolui aos solavancos, através de resumos e distensões, através de retrocessos e saltos para frente, através de hiatos e persistências.

De resto, o método histórico-crítico de Candido é também ele, como já foi notado,⁴⁵ resumo e superação de modelos historiográficos vindos do século anterior: a *Formação* seria, nesse sentido, um “momento decisivo” recapitulando as leituras e atualizando os discursos de Sílvio Romero e de José Veríssimo e os “fazendo passar” para o presente de uma escrita crítica que se apresenta, por sua vez, como provisória, como “formativa” de um cânone e que se dispõe a ser, ela mesma, ultrapassada por uma “outra história”, por novos cânones e novos argumentos. Para retomar a famosa metáfora vegetal (entendida ainda como um “levar através”, um “fazer passar”, justamente, para outro sentido ainda em gestação

⁴⁵ Paulo Eduardo Arantes. “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo”. In: Otilia Beatriz Fiori Arantes e Paulo Eduardo Arantes. *Sentido da formação*. São Paulo, Paz e Terra, 1997, pp. 22-27.

ou em formação), a obra poderia ser considerada um “ramo secundário” de uma árvore historiográfica também ela secundária no jardim da história (literária) – sempre que se saiba que *secundário*, aqui, não significa exatamente “menor”, mas, ainda no seu sentido etimológico, aquilo que vem depois e, ao mesmo tempo, se coloca ao lado, se propondo como começo virtual de um novo sistema discursivo, de um novo paradigma; aquilo que fica fora do lugar ou do “local” da cultura e, contemporaneamente, dentro de um sistema histórico-crítico global, mantendo sempre o seu caráter seminal e incontornável.

Relendo esta obra escrita há mais de cinquenta anos, podemos, em conclusão, colocar em perspectiva o aparato de polêmicas que a acompanhou (e, em certa medida, a continua acompanhando) desde o seu aparecimento, confirmando que, apesar (ou exatamente por causa) da sua assumida reversibilidade, ela representa um marco crítico fundamental num processo de revisão da historiografia pós-colonial. A sua importância e a sua duração, em suma, continuam sendo garantidas pela sua natureza, ao mesmo tempo, sistemática e aberta, suspendendo-se na evolução de um discurso hermenêutico que a excetua e a retoma como um externo que fica sempre interno a qualquer avaliação crítica da literatura brasileira – como, enfim, um “momento decisivo” de um percurso histórico que, como toda história, deveria manter-se necessariamente sem origem e sem destino, pairando livre na concretude cortante da sua in-decisão.

Referência

Raul Antelo. *Algaravia*. Discursos de nação. Florianópolis, Editora da UFSC, 1998.